

## O PERFIL FEMININO EM *DEUS DE CAIM* DE RICARDO GUILHERME DICKE

Daniela Fernanda Roseno de Souza<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso/CUA

Gilvone Furtado Miguel<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso/CUA-Grad.

### RESUMO

Realizamos uma análise de *Deus de Caim* (2006), romance de Ricardo Guilherme Dicke, sob a perspectiva da construção do perfil feminino na obra. Para tanto, são observadas as características que enquadram a mulher no perfil conservador/tradicional em oposição ao perfil da mulher moderna/livre. Utilizamos diferentes suportes teóricos que tratam do assunto, investigando e discutindo os comportamentos que revelam os diferentes padrões e valores morais, éticos e sociais da mulher na literatura. Para a análise, foram selecionadas três personagens femininas que apresentam tipos de comportamentos diferentes na trama. A análise nos permitiu observar que as personagens ora tendem a ter um comportamento mais conservador, ora apresentam um comportamento que rompe com todos os paradigmas. Dentro do perfil conservador, a mulher busca viver de acordo com o que a sociedade conservadora estabelece como padrão de comportamento correto e aceitável moralmente. No entanto, a mesma personagem, ao longo da narrativa, apresenta deslizes em seu comportamento, embora, em geral, mantenha um comportamento submisso segundo os padrões tradicionais. Em contrapartida, as mulheres que apresentam o perfil de comportamento livre, vivem suas vidas de acordo com suas escolhas, sem se preocuparem com a sociedade ou como podem ser vistas ou julgadas, rompendo, assim, com os modelos tradicionais. Os resultados do estudo confirmam que a literatura do escritor mato-grossense cria, no espaço da narrativa, o novo espaço de ação marcando o novo perfil da personagem feminina ao lhe dar voz, autonomia e determinação no romance *Deus de Caim*.

**PALAVRAS-CHAVES:** Tradição, ruptura, mulher.

## THE FEMININE PROFILE IN *DEUS DE CAIM* BY RICARDO GUILHERME DICKE

### ABSTRACT

We have made an analysis of *God of Cain* (2006), a novel by Ricardo Guilherme Dicke, from the perspective of the construction of the female profile in the work. For this, the characteristics that fit the woman in the conservative / traditional profile were observed, as opposed to the profile of the modern / free woman. We used

<sup>1</sup> Docente da Universidade Federal de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Goiás.

different theoretical supports which investigate and discuss the behaviors that reveal the different moral, ethical and social patterns of women in literature. For the analysis, we selected three female characters that present different types of behaviors in the plot. The analysis allowed us to observe that the characters now either tend to have a more conservative behavior, or present a behavior that breaks with all the paradigms. Within the conservative profile, the woman seeks to live according to what the conservative society establishes as a pattern of correct and morally acceptable behavior. However, the same character, throughout the narrative, presents slips in its behavior despite, maintaining in general a behavior submissive to the traditional standards. On the other hand, women who have a free behavior profile live their lives according to their choices, without worrying about society or how they can be seen or judged, thus breaking with traditional models. The results of the study confirm that the literature of the Mato Grosso writer creates, in the narrative space, the new space of action marking the new profile of the female character by giving him voice, autonomy and determination in the novel *Deus de Caim*.

**KEYWORDS:** Tradition, break, woman.

## **EL PERFIL FEMENINO EN *DEUS DE CAIM* POR RICARDO GUILHERME DICKE**

### **RESUMEN**

Hacemos un análisis de *Deus de Caim* (2006), novela de Ricardo Guilherme Dicke, desde la perspectiva de la construcción del perfil femenino en el sitio. Para ambos, las características se observan a la mujer en el perfil del conservador tradicional en comparación con el perfil de mujer moderna y libre. Utilizamos a los teóricos de diferentes medios de comunicación que tratan el tema, investigando y debatiendo sobre las conductas que revelan los diferentes patrones y valores morales, éticos y sociales de las mujeres en la literatura. Para el análisis, se seleccionaron tres personajes femeninos que presentan comportamiento diferentes tipos en el diagrama. El análisis nos permitió observar que los personajes ahora tienden a tener un comportamiento más conservador, a veces comportamiento característica que rompe con los paradigmas. Dentro del perfil conservador, la mujer que buscan vivir de acuerdo a lo que la sociedad conservadora establece como patrón de comportamiento correcto y aceptable moralmente. Sin embargo, el mismo personaje, a lo largo de la narración, presenta en su comportamiento, aunque se desliza, en general, mantener sumiso comportamiento según los patrones tradicionales. Por otra parte, las mujeres que exhiben el perfil de comportamiento libre, viven sus vidas según sus opciones, sin preocuparse por la sociedad o como puede ser visto o juzgado, rompiendo con los modelos tradicionales. Los resultados del estudio confirman que la literatura del escritor Mato Grosso crea, dentro de la narrativa, el nuevo espacio de acción que marca el nuevo perfil de la protagonista para dar voz, autonomía y determinación en la novela *Deus de Caim*.

**PALABRAS CLAVE:** tradición, ruptura, mujer.

### **Introdução**

O objetivo principal do presente trabalho é mostrar como Ricardo Guilherme Dicke insere as diferentes personagens femininas em sua obra *Deus de Caim* (2006), bem como

destacar a forma como constrói os perfis femininos, tendo em vista o padrão de comportamento frente à sociedade tradicional conservadora, os valores, os costumes, a moral.

Percebemos que R. G. Dicke, ao criar suas personagens envolvidas em temas como homossexualidade, incesto, adultério, destaca diferentes tipos de comportamentos femininos, aceitáveis ou não da perspectiva da sociedade tradicional. Diante disso, investigamos a forma como o escritor trata e trabalha os diferentes perfis femininos construídos no romance *Deus de Caim* (2006), a partir dos comportamentos e ações das suas personagens.

Ricardo Guilherme Dicke dá voz às suas personagens, em especial às personagens femininas, destacando nelas características peculiares que nos permitem identificar, em dois modelos referenciais diferentes, o perfil feminino: de um lado, a mulher tradicional que vive de acordo com os padrões da sociedade e, de outro, a mulher livre, dona de si, que não se importa com os padrões tradicionais impostos e cobrados pela sociedade. Assim, Dicke, ao longo da narrativa, apresenta fatos em que o comportamento das personagens nos indica traços dos diferentes perfis femininos, aos quais denominamos perfil tradicional e perfil livre.

Acreditamos que esta pesquisa tem relevante importância, pois reconhecemos que, apesar de não ser um tema novo, o discurso representativo na literatura dickeana é singular e inédito no emprego dos recursos literários. A nossa expectativa de contribuição com este trabalho é de poder acrescentar novos conhecimentos à fortuna crítica de Ricardo Guilherme Dicke.

## **Ricardo Guilherme Dicke: de Mato Grosso ao cenário nacional**

A obra de Ricardo Guilherme Dicke é vasta e premiada nacionalmente. É importante destacar que o autor teve uma de suas obras adaptada para o teatro em Portugal: *O salário dos poetas* (2000) e que a obra *Deus de Caim*, objeto de nossa análise, foi bastante elogiada por autores consagrados da literatura brasileira, como João Guimarães Rosa, Jorge Amado e Antônio Olinto, que, na época, fizeram parte do júri que concedeu-lhe o 4º lugar no prêmio

Walmap de 1967. Segundo Magalhães (2001, p. 220), “seus romances, embora pouco conhecidos, mesmo em Mato Grosso, são, na verdade uma grande contribuição não apenas regional, mas também nacional”. Magalhães enfatiza a importância de Ricardo Guilherme Dicke para a literatura, pois por meio de seus romances, apesar de alguns ainda ignorados e outros poucos conhecidos, contribui para o enriquecimento cultural literário nacional e também dá destaque à produção regional mato-grossense.

Em estudos anteriores, afirmamos (MIGUEL, 2012, p. 67) tratar-se de um autor único, capaz de transitar entre o universal e o regional: “Ricardo Guilherme Dicke é um autor com autonomia criadora, donde se assenta a sua singularidade. A sua produção transita entre dois polos: o local e o universal”. Dicke, ao produzir seus romances, alcança os dois lados, sendo que o universal é contemplado quando o autor traz elementos e características ligadas ao ser humano universal, neste sentido, apresenta suas inquietudes, suas frustrações, conflitos e suas buscas, enfatizando o que há de mais complexo na natureza humana. O local ou regional, no caso, Mato Grosso, é revelado em elementos, características e traços que fazem parte da identidade de uma dada região, tanto em relação ao espaço quanto ao homem.

Segundo Machado, é necessário que haja por parte dos leitores uma maior valorização dos talentos locais, assim como Ricardo Guilherme Dicke que, para ela, é um escritor que deve ser visto entre o grupo dos grandes autores, pois produz uma literatura de alta qualidade: “Como os grandes escritores, Ricardo Guilherme Dicke se preocupava em escrever, apurar as palavras, buscar sentidos diferenciados, surpreender com cada enredo novo apresentado” (2014, p. 21).

Diante do exposto, nos resta concordar com as afirmações dos críticos acerca da importância de Ricardo Guilherme Dicke para a literatura nacional mato-grossense, pois, pelas características apontadas, notamos que, embora pouco visualizado dentro do cenário literário, o escritor apresenta, em suas obras, uma série de elementos de importância para a literatura brasileira. Os leitores são surpreendidos pela forma, linguagem e recursos usados na construção dos enredos e tramas de suas narrativas. Ainda, conforme dito por nós (MIGUEL,

2014, p. 11), “as narrativas de Dicke apresentam-se carregadas de teor filosófico, apresentam personagens errantes em espaços e temporalidades diversos, sentindo, interrogando e experimentando o esquecimento num mundo cheio de incongruências”.

Dicke usa uma linguagem própria que Madalena Machado chama de “linguagem dickeana”, marcada como uma linguagem eficiente, pois absorve e acrescenta novos elementos às situações cotidianas; no entanto, o modo como o autor trata estas situações em suas narrativas é diferente e carregado de um tom único, resultado de seu modo peculiar de escrever: “(...) a linguagem dickeana, tão pulsante, com o captar as nuances de situações plausíveis, com o perdão do senso comum, da verossimilhança” (MACHADO, 2014, p. 20).

A obra em estudo, *Deus de Caim*, tem como enredo a história dos gêmeos, Jônatas e Lázaro, que disputam o amor de uma mulher, Minira. Jônatas é o irmão transgressor e Lázaro é o irmão bom. No decorrer da trama, Jônatas rapta Minira e mantém relações sexuais com ela à força. Aconselhado por seu amigo, Lázaro vai à busca de sua amada, mas quando chega a Cuiabá, encontra a casa em chamas. Minira sobrevive ao incêndio, mas, no entanto, traz em seu ventre um filho, cujo pai deve ser Jonatas. Lázaro aparece como exemplo de personagem perdido que, em meio a esta história complexa, não toma a atitude que se espera. De tal forma, Dicke traz ao centro das discussões o ser humano comum, suas características, seus anseios, suas dúvidas e dilemas.

Em suas obras, destacamos a capacidade de falar e de tocar em assuntos que são considerados, por muitos, delicados. Por meio de uma linguagem densa e complexa, Dicke tende a dar atenção a diferentes temas, sem limites em sua abordagem dentro de seus romances. Encontramos em suas obras personagens ou situações que rompem com os paradigmas tradicionais. Em *Deus de Caim*, o autor trata de temas menos nobres, segundo a tradição literária, como adultério, incesto, homossexualismo e aborto. Dicke traz para o centro da narrativa, de maneira natural e espontânea, os temas que, de certa forma, foram vistos como “malditos” dentro da literatura tradicional, estabelecendo, no entanto, legítima verossimilhança com a realidade da natureza humana.

Diante destas considerações, citamos Machado (2014, p. 31): “Da mesma forma, há quebra de temas considerados tabus, homens e mulheres, em seu texto, têm o mesmo tom de independência pelo pensamento”. O autor, ao mesmo tempo em que trata de diversos temas, dá espaço e destaque tanto para o personagem feminino quanto para o masculino, não fazendo distinção entre eles, pelo contrário, nota-se que Dicke traz a mulher para o centro do enredo dando-lhe autonomia em seu romance.

## **O papel da mulher na sociedade machista tradicional**

Ricardo Guilherme Dicke, para além de outros temas, trabalha em seu romance *Deus de Caim* questões ligadas a imagem do feminino, apresentando a mulher em diferentes comportamentos e posições sociais. O romance em estudo disponibiliza, para análise, elementos do universo feminino, elaboradamente construídos no enredo configurando a imagem da mulher no romance.

Nossa pesquisa trata da forma estética como é apresentada a mulher na obra *Deus de Caim*. Pela leitura foi possível notar que temos perfis diferentes, desde a mulher livre, que não se sujeita a cumprir e viver de acordo com as regras que lhe são impostas pela sociedade tradicional, até a mulher submissa, vítima que está sempre a mercê do subjugo machista.

Levando em consideração o comportamento, a posição perante a sociedade, dentre outros pontos, podemos destacar que, ao longo do tempo, a mulher vem conseguindo mudar a sua imagem diante da e na sociedade; isso reflete as históricas lutas engajadas e travadas na exigência de uma posição de igualdade frente ao sexo oposto. É de conhecimento geral que a participação da mulher na sociedade machista sempre foi limitada, com pouca visibilidade e deixada sempre à sombra do homem, não tendo autonomia e estando sempre sujeita aos paradigmas sustentados pela sociedade vigente: a mulher devia ser um exemplo de boa esposa, boa filha e boa mãe, cumprindo à risca os padrões ditados como moralmente corretos.

Em *As mulheres na historiografia brasileira* (1995), Margareth Rago fala do novo cenário no qual a mulher aparece inserida. Na contemporaneidade, ela luta pela igualdade e questiona um papel de maior relevância frente à sociedade. Para contemplar os acontecimentos ligados à figura feminina, Rago elenca exemplos de outros autores que também escreveram sobre a mulher e seu papel; a partir daí ela traça um percurso sobre a história das mulheres, levando em consideração a história social (RAGO, 1995).

O estudo intitulado *Mulheres no Brasil Colonial* (2000), de Mary Del Priore, mostra como a mulher era tratada, sua posição na sociedade colonial, englobando as diferentes realidades da mulher brasileira, bem como o papel que lhe era reservado. Em *História das Mulheres no Brasil* (2010), também de Mary Del Priore, o tema é abordado de diferentes formas: “nos permite estudar o cotidiano das mulheres e as práticas femininas nele envolvidas, os documentos nos possibilitam aceder às representações que se fizeram, noutros tempos, sobre as mulheres” (PRIORE, 2010, p. 8). A educação para as mulheres, por exemplo, era vista como algo secundário e de pouca importância, sendo mais importante saber se vestir, se comunicar e ser apta nos afazeres domésticos (VASCONCELOS, 1995).

No contexto do romance *Deus de Caim* (DICKE, 2006), algumas personagens femininas rompem com os paradigmas estabelecidos pela sociedade tradicional, colocando a obra além de seu tempo. É importante frisar que o romance foi produzido em uma época em que o país passava por constantes mudanças, uma época em que houve muita censura e a liberdade de expressão era limitada, período da Ditadura Militar. Considerando todos os problemas que o país enfrentava, *Deus de Caim* pode ser considerado como um marco dentro da literatura, pois Dicke nos apresenta, em 1968, como uma obra, cuja linguagem e temática são inovadoras. Neste sentido, segundo observamos: “A universalidade e intemporalidade são argumentos literários que resultam da ruptura das fronteiras que limitam o homem no tempo e no espaço” (MIGUEL, 2014, p. 67).

Dicke inova dando às mulheres voz e lugar em um contexto social em que predominava a figura masculina; dá a elas autonomia dentro do romance, não apenas dá

destaque, mas também cria um ponto de discussão e reflexão ao evidenciar características nestas mulheres que contrapõem os padrões ideais para sociedade tradicional.

### **A construção das personagens femininas na obra *Deus de Caim***

Podemos destacar que Dicke configura, nesta narrativa, tipos de imagens da mulher que se contrapõem pois cria personagens que têm padrões de comportamentos e perfis diferentes. Ao pontuar características que se enquadram no padrão de comportamento conservador ou de ruptura com as questões ligadas ao conservadorismo, podemos definir dois tipos de imagem feminina: o da mulher livre que rompe com todos os modelos tradicionais e o da mulher submissa, vítima da imposição machista patriarcal, que vive de acordo com os padrões que lhe são ditados pela sociedade tradicional.

Dicke envolve suas personagens em temas como homossexualidade, incesto e aborto delineando o perfil feminino transgressor. No entanto, configura, também, a mulher recatada e submissa aos padrões de comportamentos tidos como ideais para a mulher da sociedade machista e patriarcal.

Para análise do perfil feminino na obra, tomamos três personagens que se destacam por suas características peculiares, apresentando perfis femininos diferentes e marcantes. As personagens criadas por Dicke rompem com os padrões de comportamentos tradicionais, gerindo suas vidas às avessas da tradição e adotando comportamentos inaceitáveis da perspectiva conservadora.

Os acontecimentos na narrativa de *Deus de Caim*<sup>3</sup> (DC) são construídos a partir da história de amor das personagens Minira e Lázaro; no entanto, a história é marcada por inúmeros fatos que impedem de os dois viverem esse romance. Lázaro tinha um irmão gêmeo, Jônatas, que era seu oposto em caráter e personalidade. O enredo inicia com o narrador

---

<sup>3</sup> Doravante, nas citações, a obra *Deus de Caim* será identificada pela sigla DC, seguida do número da página. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 25, n.39.1, p. 01-182, setembro-dezembro, 2018.

falando sobre a tentativa de Jônatas de matar o irmão. Ele atacou Lázaro com uma faca em uma briga por causa de Minira, pois ambos tinham interesse pela moça.

Ao longo da narrativa notamos que Minira era virgem, pura, ingênua e boa; apesar de apresentar tais características, ela demonstra, em um dado momento, pensamentos voltados para o sexo, com seu amado, Lázaro, o que nos mostra, além da natureza humana pulsante, seu lado fiel, doce e romântico: "Vaga luxúria de virgem" (D.C, p. 21).

Sobre comportamentos ideais segundo a perspectiva da sociedade patriarcal, Fonseca (2010) enfatiza que o modelo de mulher ideal envolvia uma série de qualidades, mas a mais importante é a questão da pureza sexual, pois a moça, para conseguir se casar e ter uma imagem boa perante a sociedade, devia se manter virgem e pura. Para essa sociedade, a mulher devia manter um comportamento que não manchasse sua honra; era impedida de ter relações sexuais antes do casamento e, depois, estas lhe eram permitidas apenas dentro casamento, sendo punidas e tachadas como indecorosas aquelas que se aventurassem fora dele: "Mas todas elas convergiam para a pureza sexual. (...) O próprio Código Civil previa a nulidade do casamento quando constatada pelo marido a não virgindade da moça (FONSECA, 2010, p. 528).

De acordo com Engel, a mulher considerada ideal para os parâmetros da sociedade tradicional devia se enquadrar nas qualificações preestabelecidas: "A construção da imagem (...) implicava qualificar a mulher como naturalmente frágil, bonita, sedutora, doce, etc. Aquelas que revelassem atributos opostos seriam consideradas seres antinaturais" (2010, p. 332).

A personagem Minira representa este estereótipo, pois encontramos nela as características que são elencadas como essenciais ao modelo ideal de mulher e notamos que ela era uma moça frágil, bonita, sedutora, que preservava sua virtude, sua honra. No entanto, no decorrer da narrativa, notamos que tal comportamento é, em parte, modificado a partir do episódio em que ela toma banho de rio com sua irmã Serena. Neste momento, a jovem se submete a um comportamento transgressor, inadequado; no entanto, podemos relacionar este

comportamento ao fato de Minira ser submissa e se deixar levar pelas vontades da irmã mais velha. A seguir, destacamos o contexto da cena que culminou em uma relação íntima homossexual e incestuosa, entre irmãs: “A irmã estava excitada. (...) Serena com água pelo peito, lhe falava dessas coisas, que a fez amedrontar-se. Minira tinha quinze anos aquele tempo, sabia muito bem o que significava aquilo, mas não queria ouvi-la. Lembra-se que pensar naquelas coisas íntimas dava-lhe um certo asco” (D.C, p. 41).

Minira, por ser pura e recatada, achava tudo desprezível – era o pudor moral se revelando. No entanto, na sequência narrativa, a moça cede às loucuras da irmã e as duas têm uma relação íntima em carícias e sensações libidinosas: “Não se moveu para nada, apenas correspondeu ao beijo, (...) Minira deixava-se beijar e acariciar, sem abrir os olhos” (D.C. p. 41-42).

Vimos que Minira, embora consciente de que tal comportamento não era adequado, mesmo assim, não se conteve e, ao invés de resistir e repreender a irmã, entregou-se ao ato. Entendemos que a falta de reação e de atitude repreensiva por parte de Minira revela a falta de autonomia sobre si própria e a total submissão em relação às vontades da irmã, colocando-se como vítima nesse contexto.

Em outro momento, a moça, em conflito, questiona porque eram proibidas e negadas as relações entre pessoas do mesmo sexo; ela sabia que o acontecido entre ela e a irmã era errado, no entanto, não concordava: “Porque que entre mulher e mulher é negado o verdadeiro prazer que existe entre homem e a mulher? E entre homem e homem, idem? Era uma coisa falha aquilo, entre ela e Serena” (D.C, p. 43).

Neste sentido, Engel enfatiza que a mulher era vista como um ser ambíguo, pois apresentava comportamentos duplos: “No século XIX ocidental, a velha crença de que a mulher era um ser ambíguo e contraditório, misterioso e imprevisível, sintetizando por natureza o bem e o mal, a virtude e a degradação” (2010, p. 332). Conforme Engel, era comum as mulheres serem vistas como seres não confiáveis, sem moral, traiçoeiras, infiéis. Na personagem dickeana, além do comportamento de mulher de família, que segue os valores

que a sociedade estabelece como primordiais para uma mulher ideal, observamos o comportamento transgressor que, até nos dias atuais, não é aceito, sem conflito, pela sociedade.

O homossexualismo, desde épocas mais antigas, como na época do Brasil colonial, era visto como algo que desagradava a sociedade, principalmente na esfera religiosa que via, no ato de duas pessoas do mesmo sexo manterem relações íntimas, algo abominoso. A igreja sempre tentou controlar a sexualidade feminina, porém muitas mulheres encontravam na prática homossexual a forma de violar as regras impostas pela igreja e se satisfazer.

Nesse contexto, a sodomia teve um significado amplo, não abrangendo apenas as relações entre pessoas do mesmo sexo, mas também os excessos que eram cometidos em qualquer relação. A relação íntima entre as irmãs (DC) configura, também, outro comportamento transgressor, pois, para além de terem tido uma relação homossexual, as irmãs cometem o incesto. O incesto é condenado pela sociedade e, principalmente, a esfera religiosa deixa claro que a relação entre pessoas da mesma família, sendo parentes consanguíneos, é inaceitável; apesar de ainda existir a resistência por parte de algumas esferas sociais, a relação homossexual nos dias atuais é mais aceita ou tolerada do que o incesto. No contexto das conquistas femininas, a homoafetividade feminina representa um avanço.

No entanto, o incesto, em praticamente todas as esferas da sociedade, é ato condenado moral e religiosamente, não registro de mudanças na reação a este comportamento antissocial com a passagem do tempo. Outrossim, é necessário que se analise o fato sob outras vertentes antes de estabelecer um julgamento prévio. Segundo Chevalier e Alain Gheerbrant (1990), a relação incestuosa poderia ser explicada, segundo a psicanálise, como sendo algo dentro da normalidade, tendo em vista que o ato faria parte da sexualidade infantil e juvenil em evolução; diante desta constatação, pode-se dizer que o ato incestuoso cometido pelas duas irmãs adolescentes, em *Deus de Caim*, seria explicado pelo fato de estarem elas em fase de descobertas da própria sexualidade.

Destacamos a submissão e obediência de Minira às regras que a sociedade estabeleceu, tradicionalmente, para o comportamento feminino, apesar de a personagem ter se envolvido, também, em atos vistos como inadequados para o protótipo de mulher ideal. Relacionamos estes deslizos morais ao fato de a personagem ser submissa e vítima das ações e manipulações dos outros no contexto. Neste sentido, destacamos a relação com a irmã mais velha, bem como a violência sofrida no ato da tentativa de estupro por Jônatas e, posteriormente, no estupro consumado por ele, em que a mulher – Minira – foi passiva e se mostrou frágil e incapaz de reagir por si mesma, especialmente mediante ao homem.

A fragilidade de Minira alimentava o medo que ela nutria em relação a Jônatas, pois ele sempre se revelou um homem truculento, violento e bruto, que intimidava as pessoas: “Lembrou-se da vez em que Jônatas entrou de cara resolvida, com revólver na cintura e pediu-lhe pinga. O temor que tivera. Jônatas a olhava sempre como se quisesse morder com os olhos” (D.C, p. 46).

Na primeira situação de agressão sexual, Minira apresenta-se frágil diante da tentativa de estupro de Jônatas; a moça sofre todas as ações violentas do homem; apesar de tentar fugir, a força de Jônatas sobressai à sua delicadeza e fraqueza de mulher: “mas Jônatas correu em seu encaço e alcançou-a num salto, derrubando-a sob seu peso (...) rasgou-lhe a roupa, deixando-a com os seios nus. Jonatas deu-lhe um violento bofetão que a estonteou e a fê-la tombar exânime. Brutalmente rasgou-lhe as calcinhas aos puxões (D.C, p. 48).

Nesse mesmo episódio, tomamos conhecimento da reação amedrontada de Minira ao ser interrogada pelo pai sobre o agressor. Apesar de saber de quem se tratava, ela teve medo e não contou a ninguém. Este comportamento é muito comum em mulheres vítimas de violência; muitas, por receio, não tomam a atitude de denunciar, pelo contrário, se fecham e guardam para si a agressão. Dias depois do fato da tentativa de estupro, Minira é, novamente, atacada por Jônatas, sendo que, desta vez, ele a rapta e a aprisiona em um quarto esperando o momento certo para cometer a violência sexual contra a jovem: “Dir-se-ia que a mulher se

conformara em ser levada ao matadouro e à porta deste se rebelava como uma fera. (...) Quando uma mulher chega à cama de um homem, ela já não pode fazer nada” (D.C, p. 234).

Destacamos a questão de submissão e falta de autonomia feminina, pois depois de ser violentada, a moça não mais tenta se defender das agressões de Jônatas, mas se submete à situação e se mostra passiva. Enfatizamos que tal comportamento demonstra que ela sofria as ações de outros no ambiente e, diante de sua fragilidade e medo, pouco podia fazer para mudar as circunstâncias. Minira se silenciava diante dos atos que outros personagens cometiam contra ela; primeiro, a irmã, depois Jônatas. Nota-se que ela sempre se mantinha à margem, passiva aos acontecimentos.

Na contramão da tradição e do conservadorismo, as personagens Rosa e Sílvia são o oposto de Minira, pois se mostram às avessas, totalmente contrárias aos paradigmas de mulher ideal segundo a sociedade tradicional. Rosa é uma mulher casada que apresenta um comportamento desviante, mantendo relações fora de seu casamento, adulterando; Sílvia, por sua vez, mantém relações com o próprio irmão e desta relação incestuosa culmina uma gravidez e, por fim, o aborto.

Ao construir estas situações comportamentais desviantes, Dicke dá destaque a estas personagens, pois elas fogem dos modelos femininos dos romances tradicionais. Sua narrativa chama a atenção, pois ao mesmo tempo em que traz uma personagem que, segundo a literatura, seria um modelo ideal de mulher – Minira, contrapõe trazendo personagens femininas que rompem com tal modelo.

Rosa é uma mulher que seria, facilmente, condenada pela sociedade tradicional acusada de desvio moral. Mas Dicke, ao compor este desvio, traz, também, uma mistura de situações que, se não podem justificar, ao menos dão a ela o direito de se realizar como mulher. Rosa era casada com Isidoro e, segundo passagens, o casamento dos dois não foi por amor, mas por conveniência. Resquício da sociedade patriarcal, casamentos assim eram comuns: casar as filhas com homens ricos e bem sucedidos para que os patrimônios das duas famílias se multiplicassem, isso era sinônimo de ter feito um bom casamento, lembrando que

as vontades e decisões da moça não eram levadas em consideração: “Ele se casara com Rosa não propriamente por amor, mas também por acordos comerciais entre as duas famílias, segundo fórmula dos respectivos pais dos cônjuges” (D.C, p. 100).

O casamento entre eles era apenas de aparência. Enquanto o marido ficava no quarto isolado de todos devido à sua condição física de cadeirante, a esposa Rosa aproveitava a vida: “Rosa estava inspiradíssima. Muitos beijos, muitas fodas com Hipólito” (D.C, p. 72). A condição do marido contribuía para que Rosa, enquanto mulher, realizasse as suas necessidades sexuais fora do casamento, pois, devido às limitações físicas, Isidoro não podia satisfazê-la neste quesito.

Dicke, ao dar voz a esta personagem, constroi a imagem feminina por outro viés, em que a mulher é colocada como um indivíduo que, tendo vontades e desejos, os realiza. Essa mulher tem direito e autonomia sobre si e sobre o que deve ou não fazer com sua vida; neste sentido, vemos a mulher que é dona de si e de suas vontades, a mulher que não se preocupa com o que a sociedade vai dizer ao seu respeito, a mulher livre, que vive de acordo com os seus princípios e com o que acha correto, ignorando os padrões preestabelecidos.

Soihet destaca que, por tradição, a mulher deveria ter padrões comportamentais e que ter relações fora do casamento era algo inaceitável perante a sociedade; a mulher que se aventurasse no adultério estava sujeita a sofrer punições da sociedade e da legislação: “Estavam impedidas do exercício da sexualidade antes de se casarem, e depois deviam restringi-las ao âmbito do casamento. (...) com base nesses pressupostos, argumentava que as leis contra o adultério só deveriam atingir a mulher” (SOIHET, 2010, p. 363).

Hoje a legislação não permite punição tão severa às mulheres que cometem o adultério, porém, a sociedade se encarrega de marcar a imagem da mulher adúltera e discriminá-la, ao passo que este mesmo desvio, quando cometido por um homem, é tratado de forma diferente, sendo a mulher rebaixada e o homem exaltado: “No Brasil, (...) só a mulher era penalizada por adultério, (...) Já a infidelidade feminina era, em geral, punida com morte,

(...) Na prática, reconhecia-se ao homem o direito de dispor da vida da mulher” (SOIHET, 2010, p. 381).

O perfil da personagem Rosa se encaixa neste que chamamos de comportamento livre ou moderno, em que a mulher é dona de suas vontades e ignora o que a sociedade dita como padrão de comportamento ideal; antes, ela leva em consideração suas necessidades e desejos como mulher e sua satisfação pessoal.

À mulher, Dicke permite também as fantasias em relação aos homens: “Riu, riu, riu. Agora era uma sultana com um harém cheio de maridos, todos com a cara de Hipólito. Havia uma piscina de água claríssima eles submergiam e nadavam despidos entre mulheres que tinham o seu rosto, nuas também (...) em posições exóticas” (D.C, p. 126). A escolha do termo "sultana" demonstra que, no romance, a personagem feminina ganhou espaço e voz e o conceito que, antes, demarcava um domínio masculino, agora, enfatiza e dá destaque à imagem feminina na narrativa. Rosa, sultana, é uma mulher adúltera e não sente nenhuma culpa ou constrangimento quanto a isso.

Outra personagem de R. G. Dicke que rompe com os paradigmas é Sílvia. O seu comportamento é visto e tachado como não tolerado pela sociedade, pela igreja e pela família em, praticamente, todas as esferas. Dicke ousou ao tratar deste tema em sua narrativa, mostrando a relação incestuosa entre Sílvia e o irmão Carlos e, mais, desta relação surge uma gravidez que é eliminada com um aborto.

Rosa e Sílvia (DC) são mulheres que viviam em ambiente promíscuo em que os valores morais não tinham relevância. O ambiente familiar dos De Amarante (DC) configura uma sociedade em que os valores morais se perderam. O comportamento de Sílvia, durante uma das muitas festas que ocorriam na casa, alcança uma atitude extrema decorrente do fato de estar alcoolizada quando se despe em meio a todos: “Ao chegar no último botão. Rosa correu para ela e tentou tirá-la dali, (...) Mas Sílvia desvencilhando-se dela e arrancando o vestido, ficou em completa nudez” (D.C, p. 203). Nesta cena, o autor configura o ambiente

em que, apesar de se tratar de uma família, as relações eram corrompidas, o ambiente era de libertinagem.

É importante destacar a questão do incesto em que a personagem Sílvia se envolve. Ela tem uma relação amorosa com o irmão, Carlos. A abordagem do tema é feita de forma normal e isenta, estabelecendo a relação de similaridade com a realidade e com a condição humana.

A psicanálise explica que o incesto representa uma fase normal da sexualidade infantil. No entanto, o que temos na narrativa é uma personagem já adulta que pratica o ato sem o menor pudor ou receio. Dicke trata do incesto como algo normal, tendo em vista que o ambiente em que as personagens viviam era de promiscuidade e depravação. Podemos dizer que, ao tramar a relação entre irmãos, o autor consegue mostrar a depreciação dos valores morais na sociedade e que tais acontecimentos, apesar de não serem comuns, estão, sim, presentes nos meios sociais e não podem ser ignorados, mesmo que censurados. De forma generalizada, em todas as esferas da sociedade esta relação incestuosa não é aceita por diversos motivos, sejam morais, éticos, religiosos ou, até mesmo, por razões biológicas<sup>4</sup>.

Outro ponto a se destacar dentro deste perfil de mulher que rompe com os paradigmas tradicionais é o fato de Sílvia, além de manter relações com o próprio irmão, sem ter nenhum arrependimento quanto a isso, comete o aborto.

Em toda a história da sociedade o tema do aborto levanta muitas discussões. O comportamento de Sílvia foge aos padrões tradicionais e infringe as leis do nosso país: “Fui a um médico e fiz uma operação especial. Aborto. Fim do problema. Estou feliz (D.C, p. 213)”. De acordo Venâncio (2010, p. 204), os abortos “considerados criminosos, eram tomados também como práticas heréticas e demoníacas”. Notamos que Dicke, ao dar voz à personagem que fala com naturalidade sobre o fato de ter feito aborto, demonstra que o tema

---

<sup>4</sup> Estudos mostram que de uma relação entre parentes próximos há inúmeras chances de a criança nascer com diversos problemas.

pode ser tratado como ato normal, superando o tabu moral, sendo tomado apenas como uma forma de se livrar de algo que poderia trazer problemas.

Em *Deus de Caim*, por meio da descrição comportamental de suas personagens femininas, Dicke constrói dois padrões de comportamento, sendo o primeiro, mais tradicional e o segundo, de ruptura, livre e liberal. Desta forma, percebemos que, ao contrapor estes dois paradigmas, Dicke consegue dar um espaço maior para as mulheres. Ele consegue trazer a mulher para o centro, dando a ela voz e importância dentro de seu romance, ao mesmo tempo em que consegue estabelecer um ponto de discussão ao tratar de temas considerados tabus na sociedade e na literatura.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As personagens de R. G. Dicke representam as imagens femininas que podem ser encontradas na sociedade, pois em todas as esferas sociais encontramos mulheres que tendem a ter comportamentos tradicionais ou modernos e livres de preconceitos. Desta forma, podemos dizer que Dicke consegue basear sua ficção em fatos da realidade e recriá-los de maneira poética e crítica.

As mulheres modernas, criadas por ele em *Deus de Caim*, são fortes, determinadas e guiam suas vidas e seus atos de acordo com os seus próprios princípios. Da perspectiva adotada para estudo da obra, nos convencemos de que o autor não se desvencilha da realidade social e nem do compromisso de revelar o ser humano com suas fragilidades, seu livre arbítrio, suas crueldades. No contexto da obra, o comportamento feminino moderno e livre de imposições, no entanto, não raras vezes, choca e estremece a sociedade que não o aprova e nem o defende como sendo o ideal e aceitável.

Percebemos que ao contrapor modelos de perfis femininos o autor faz uma crítica aos padrões pré-estabelecidos pela sociedade. Ao retratar a mulher submissa, Dicke constrói com maestria os atos e o modo de se portar de uma mulher que é frágil, passiva e submissa à ação

dos outros. Neste sentido, nos reportamos à capacidade de o autor criar em um espaço ficcional a verossimilhança com a realidade, pois na sociedade, mesmo nos dias atuais, encontramos mulheres que se anulam e vivem submetidas ao jugo e exploração machistas. Por outro lado, encontramos uma massa de mulheres, ainda com singela expressividade, mas na luta, que vão contra este sistema tradicional e se libertam.

A temática discutida a partir dos perfis comportamentais das personagens dickeanas, nos permite reconhecer as determinações sociais de fundamentação religiosa impondo, historicamente, papéis e comportamentos à mulher. No entanto, Dicke não se restringe a manter suas personagens presas ao estigma de submissão ao homem e nem à sociedade machista. Gratamente, identificamos, em *Deus de Caim*, perfis inovadores que atribuem à mulher o direito de gerir suas próprias vidas, especialmente, na área sexual. Dicke compõe a mulher livre dessas amarras morais, a mulher que rompe com os paradigmas da tradição no universo feminino, nos permitindo refletir sobre o tema e ver que não há uma verdade absoluta, que padrões e regras podem ser quebrados, e que, apesar de não serem aceitos, muitos comportamentos são adotados na sociedade de maneira geral e, só não ganham visibilidade, pois quem os pratica, muitas vezes, não tem coragem de se mostrar, pois sabem do julgamento a que estão sujeitos.

## Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT. Alain. **Dicionário dos símbolos:** (mitos, sonhos, costumes, gestos, forma, cores, números). Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

DEL PRIORE, Mary. (Org) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_. **Mulheres no Brasil Colonial.** São Paulo: Contexto, 2000.

DICKE, Ricardo Guilherme. **Deus de Caim.** 2. ed. Cuiabá: Gráfica Sereia, 2006.

ENGEL, Magali. Psiquiatria e Feminilidade. In: DEL PRIORE, Mary. (Org) **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2010. p. 322-362.

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary. (Org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 510-554.

MACHADO, Madalena. **A literatura de Ricardo Guilherme Dicke**: Intervenções críticas. São Paulo: Arte e Ciência, 2014.

MIGUEL, Gilvone Furtado. **Criação e imagem no romance de Ricardo Guilherme Dicke**. In: Polifonia, Ano 17. Nº 18. Cuiabá: EdUFMT, 2009. p.65-78

\_\_\_\_. R.G.Dicke: Identidade literária no Romance de Mato Grosso. In: LEITE, Mário Cezar Silva; CAMPOS, Cristina. (Orgs). **Culturas e Identidades: Entre o regional e nacional**. Cuiabá: Carlini e Caniato Ed.; Cathedral Publicações, 2012. p. 67-82

\_\_\_\_. Apresentação In: MACHADO, Madalena. **A literatura de Ricardo Guilherme Dicke**: Intervenções Críticas. São Paulo: Arte e Ciência, 2014. p.7-12.

RAGO, Margareth. **As mulheres na historiografia brasileira**. São Paulo: Unesp, 1995. p. 81-91.

SOIHET, Raquel. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: DEL PRIORE, Mary. (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p.363-381.

VASCONCELOS, Sandra Guardini Teixeira. **Construções do feminino no Romance Inglês do Século XVIII**. In: Polifonia. Ano 3, nº 2. Cuiabá: EdUFMT, 1995. p. 85-100.

VENÂNCIO, Renato Pinto. Maternidade negada. In: DEL PRIORE, Mary. (Org) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 189-223.